



# CORPOS FIÉIS À IMAGEM APARECIDA: *a experiência religiosa em Aparecida/SP*

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Autor: Adriano Santos Godoy (adrianosgodoy@gmail.com)

Orientador: Ronaldo Romulo Machado de Almeida

Financiamento: PIBIC/CNPq



UNICAMP



Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Consciente da diversidade e contradição características dos centros de peregrinação, essa pesquisa optou por a abordagem de um momento específico dentro dessa pluralidade: a experiência religiosa fruto da relação estabelecida entre o devoto e a santa. Para isso, através de levantamentos históricos e uma série de reportagens jornalísticas remontamos a trajetória social da imagem. Pela eficácia de abordagem, selecionamos dois episódios específicos de drama social: o *atentado* e o *chute*.

## **O ATENTADO**

Dia 17 de maio de 1978. Um jovem com doenças mentais, aproveitando a falta de energia elétrica na Basílica, quebra a imagem original de Aparecida em centenas de pedaços ao jogá-la ao chão. Até a sua restauração observou-se nos discursos dos devotos o desespero pela ausência de seu principal ponto de referência e a profunda mágoa frente à “mutilação da mãe”. Por conseguinte, a imagem quebrada demonstrou seu poder de agência pela triplicação do número de romeiros na cidade e a promoção de uma série de atos de desagravo que se espalharam por todo o país durante semanas após o ocorrido.

Em suma, tendo como referência as reações a esse evento obtidas em arquivos de reportagens e depoimentos, a presente pesquisa constatou a centralidade daquela imagem específica e fisicamente tanto para dinâmica religiosa brasileira como referência identitária dos devotos.



## **O CHUTE**

Dia 12 de outubro de 1995. No feriado da padroeira do Brasil, um pastor chuta uma réplica da imagem de Aparecida em rede nacional de televisão desafiando a sua sacralidade. Durante os meses seguintes instaura-se no país um clima de guerra santa envolvendo de um lado a *Igreja Católica* e a *Rede Globo* e de outro a *Igreja Universal do Reino de Deus* e a *Rede Record*. Passam a haver inúmeros casos de violência física e moral a pessoas e templos além de processos jurídicos e prisões dos envolvidos.

Abordando essas reações dos devotos e uma série de artigos jornalísticos e científicos sobre o ocorrido, essa pesquisa traçou na trajetória da imagem os demais casos em que tendo consciência do seu poder de agência, a potencialidade da imagem teria sido usada: da Monarquia a Ditadura Militar, com ênfase ao Estado Novo, a imagem foi amplamente utilizada para fins políticos. Indo mais além, os estímulos do Estado brasileiro foram fundamentais para a sua popularização. De uma devoção regional, a imagem de Aparecida tornou-se um símbolo nacional de aglutinação religiosa e social, que adquire contemporaneamente importância internacional.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através do primeiro episódio buscamos resgatar a origem devocional a Nossa Senhora Aparecida tendo como foco a centralidade da imagem durante todo o percurso. Mesmo com o discurso de que a devoção teria um caráter independente da presença física da imagem, as reações a quebra evidenciaram o seu caráter de aglutinação social e referência no cenário religioso brasileiro. Já pelo segundo episódio tratamos justamente da construção dessa referência, isto é, os usos e apropriações políticas e clericais que a tornaram um símbolo nacional e a dotaram de agência própria na dinâmica religiosa. Com esse panorama histórico e a constatação da potencialidade de agência a caracterização da imagem como um parceiro social, pudemos então analisar a sua relação com o devoto em seu momento de maior interação corporal: o contato com a imagem no dia de seu feriado. Trazendo a discussão sobre *performance* e *liminaridade* a complementamos por uma perspectiva fenomenológica sobre a *corporeidade* e o *self* religioso dos devotos. Pela nossa análise se essa relação social foi construída historicamente por uma relação dialética entre tradição, religião e política ela se mantém e reinventa a partir das relações individuais, ou seja, as experiências religiosas dos devotos que com ela se relacionam.